

# A MODERNIDADE DO PRESÉPIO DO PIPIRIPAU<sup>1</sup>

**Janete Flor de Maio Fonseca**

flormaio@ufop.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/2640122252095859>

## Resumo

Este artigo se propõe a analisar o Presépio do Pipiripau, obra construída pelo artista mineiro Raimundo Machado de Azeredo entre os anos de 1906 e 1988. O presépio foi idealizado como uma obra de devoção popular, mas pode ser visto também como uma narrativa sobre a vida cotidiana da recém-inaugurada cidade de Belo Horizonte, tendo em vista que a devoção ao Menino Jesus, representada no uso das diversas figuras e passagens bíblicas, somou-se a caracterização da paisagem e dos personagens contemporâneos ao artista. Assim, encontramos uma obra na qual convivem lado a lado personagens bíblicos em momentos épicos e trabalhadores comuns em suas árduas tarefas cotidianas. Observamos também, como o artista, que era um entusiasta de seu tempo e frequentava assiduamente as salas de cinema, representou a capital de Minas Gerais num ritmo cinematográfico. Foi esta proximidade com a narrativa fílmica que assemelhou o artista-devoto mineiro ao narrador apresentado por Walter Benjamin (2012), por ser um homem, que mesmo fixo em seu lugar, ainda assim, traz notícias de terras distantes. Enfim, o Presépio do Pipiripau do Sr. Raimundo Machado apresenta conhecimentos que ele encontrou nos filmes que assistiu, nos livros que leu, nas histórias que ouviu de viajantes em trânsito pela cidade, ou ainda há aquelas que ele mesmo criou, e todas elas revelam muito sobre o seu tempo e o seu lugar.

**Palavras-chave:** Memória, Cidade, Religiosidade, Modernidade.

## Abstract

This article aims to analyze the Pipiripau Presépio, a work constructed by the Minas Gerais artist Raimundo Machado de Azeredo between the years 1906 and 1988. The presépio was idealized as a work of popular devotion, but it can also be seen as a narrative about everyday life from the recently opened city of Belo Horizonte, considering that the devotion to Menino Jesus, represented in the use of the various figures and biblical passages, was added to the characterization of the landscape and contemporary characters to the artist. Thus, we find a work in which biblical characters live side by side in epic moments and ordinary workers in their arduous daily tasks. We also observed how the artist, who was an enthusiast of his time and who regularly attended movie theaters, represented the capital of Minas Gerais in a cinematic rhythm. It was this proximity to the filmic narrative that made the Minas-devoted artist similar to the narrator presented by Walter Benjamin (2012), because he is a man, who, even though fixed in his place, still brings news from distant lands. Anyway, Mr. Raimundo Machado's Pipiripau Nativity presents knowledge that he found in the films he watched, in the books he read, in the stories he heard from travelers in transit through the city, or even those he created himself, and all of them reveal a lot about your time and your place.

**Keywords:** Memory, City, Religiosity, Modernity.

## "O Presépio do Pipiripau"

Os músicos tocam baixinho uma suave música fininha  
Que sobe prá's estrelinhas  
Do céu pintado de azul.  
Gira e regira na praça  
A eterna zanga-burrinha

---

<sup>1</sup> Este texto teve uma versão publicada sobre o título "Devoção e Narrativa no Presépio do Pipiripau", porém, como a revista não foi compartilhada fora da instituição, assim, eu achei por bem, revisá-lo e publicar uma nova versão. Referência: FONSECA, J. F. D. M. Devoção e Narrativa no Presépio de Pipiripau. *Maestria*, Sete Lagoas, v. 2006, p. 123-140, 2006.

– Tão engraçadinha  
Olha a calma do pescador  
Pescando sempre o mesmo peixe  
Com o mesmo anzol.  
Olha o barqueiro que não é Pedro...  
Os meninos perfilados germânicos  
Entram na igreja  
E saem depressa  
E tornam a entrar.  
(E tornam a sair)  
A atmosfera febril de trabalho  
Ferreiros sapateiros mexendo  
A calma das casas subindo a ladeira  
Descendo a ladeira e os bichos  
Cândidos bichos de papelão  
Rodeando o menino Jesus que abençoa aquilo tudo!  
Meus olhos mineiros namoram o presepe  
e dizem alegres: Mas que bonito!”

Carlos Drummond de Andrade  
(sob o pseudônimo de Antônio Chrispim) Diário de Minas, 30 de janeiro de 1927.

## Introdução

Dos dezembros da minha infância eu nunca me esquecerei de que já no início das férias escolares havia um passeio muito especial, organizado pelas mães das crianças da minha rua na periferia de Belo Horizonte. Tudo era muito bem planejado por elas, uma vez que a caminhada de alguns quilômetros nos levaria a uma aventura numa área de preservação natural ainda com pouca sinalização e serviços de apoio. As mães preparavam o lanche que era levado em grandes sacolas, garrafas de água, medicamentos de primeiros socorros, e principalmente, tinham que ter muita paciência para controlar o entusiasmo da criançada. Eu me lembro de que ficávamos eufóricos quando chegava o dia da visita ao Jardim Botânico, local onde hoje está localizado o Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais<sup>2</sup>. A paisagem era extraordinária, e em nada nos fazia lembrar que estávamos numa cidade grande. Era como se estivéssemos nos aventurando em plena floresta, e precisávamos desbravar todos os seus mistérios. Nós todos, muito curiosos, passávamos o dia a observar os animais silvestres, a diversidade da flora, as exposições de rochas, as réplicas de meteoros, as coleções de insetos, mas, sem sombra de dúvidas, o momento mais aguardado era a visita do Presépio do Pípiripau<sup>3</sup>.

Havia sempre uma fila para aumentar nossa ansiedade e aguçar a nossa imaginação. Do lado de fora, ouvíamos tanto os barulhos das engrenagens do presépio

---

<sup>2</sup> Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Link: <https://www.ufmg.br/mhnpj/> Acesso em 05/11/2018.

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre o Presépio do Pípiripau acesso o link: <https://youtu.be/CXl6HZy8s5I>

que já conhecíamos quanto as manifestações de surpresa dos expectadores que lá dentro reagiam perante toda a encenação. Todo ano a mesma história era repetida durante as festas natalinas, e eu me lembro de que sempre reagíamos com um misto de espanto, medo e admiração frente ao espetáculo que nos apresentava o Presépio do Pípiripau. Assim, mesmo que a gente não soubesse os significados daquela obra, ou como ela funcionava, e até mesmo pronunciar corretamente “Pípiripau”, foram naquelas tardes da minha infância que meu olhar se encantou pela paisagem da cidade e por seus múltiplos personagens.

### **Um Presépio**

O Presépio do Pípiripau é uma obra que foi idealizada pelo Sr. Raimundo Machado Azeredo (1894 - 1988), nascido em Matozinhos, Minas Gerais, e que desde os 12 anos de idade encantado visitava as exposições de presépios em Belo Horizonte. A jovem capital dos mineiros, inaugurada em 1897, seguia uma antiga tradição católica cujo primeiro presépio foi montado no século XIII por São Francisco de Assis para facilitar aos mais pobres e iletrados a conhecerem a história do nascimento de Jesus. A tradição se espalhou pela Europa e chegou ao Brasil através dos católicos portugueses.<sup>4</sup> O certo é que em dezembro de 1906 o jovem Raimundo Machado, devoto da beleza dos presépios belorizontinos, fez a promessa de criar um grande e diferente presépio que se caracterizaria pelo movimento. Mal sabia ele que construiria uma das mais expressivas obras da religiosidade popular brasileira, e que em 1984 seria tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como exemplo de devoção, criatividade e inventividade.

O Presépio do Pípiripau foi construído em várias etapas como uma obra de arte aberta, na qual sempre foi possível acrescentar um novo cenário, um novo personagem, uma nova história, sendo modificado assim como a cidade de Belo Horizonte, que crescia sob o olhar atento do artista. Após 82 anos de construção, o Pípiripau foi definido com uma área de 20m<sup>2</sup> e com cerca de 3000 objetos distribuídos em 45 cenas da paixão de cristo ou que fazem referência a vida na cidade.<sup>5</sup> Além dos movimentos de pernas, braços ou ainda de deslocamento dos personagens ali expostos, o presépio

---

<sup>4</sup> Sobre a História dos Presépios veja: NERY, I. J. Natal Teologia, Tradição, Símbolos. São Paulo: Editora Santuário, 2004.

<sup>5</sup> IPHAN. Processo de tombamento n. 1.115- T – 84. Acesse o link: <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/4755?discover?rpp=10&etal=0&query=pres%C3%A9pio+do+pípiripau> OLEGÁRIO, A. A História do Presépio Pípiripau. Belo Horizonte: SESC - BH, 2001.

também encanta pelos sons que produz, sejam os emitidos pelas diversas engrenagens de pau e cordas, que possibilitam os movimentos das figuras, ou ainda aqueles próprios da encenação da vida do Cristo. Destacamos o momento da “Ressurreição de Jesus”, com direito a raios e trovoadas, efeitos especiais inesquecíveis para quem assiste pela primeira vez, amplamente aguardado para quem já os conhece e assustador para a maioria das crianças.

Certamente o Sr. Raimundo Machado devotou parte de sua vida a construção do Presépio do Pípiripau, marcando ali toda a sua religiosidade. Mas viu nele também um espaço para narrar sobre a paisagem urbana e os seus personagens periféricos, com os quais convivia em sua rotina diária de funcionário público, artista e devoto em Belo Horizonte. As histórias narradas nas peças do presépio dão conta desse universo que se construía na paisagem urbana a qual o Sr. Raimundo Machado testemunhou, e ele fez questão de compartilhá-la, reproduzindo-a com movimento em seu presépio. Se a Belo Horizonte planejada pela Comissão Construtora da Nova Capital - no final do século XIX - deveria ter como limite a Avenida do Contorno, para garantir sua organização e salubridade, no Presépio do Pípiripau encontramos a cidade além dos limites planejados, aquela dos trabalhadores manuais, dos artífices, dos animais domésticos soltos pelas ruas, da cultura popular, o Pípiripau<sup>6</sup>. Lá estavam personagens que habitavam a área além da Avenida do Contorno, uma região já limítrofe a zona rural de onde vários moradores eram naturais. O Presépio do Pípiripau parece representar assim, o encontro entre a cidade imaginada pelo Sr. Raimundo Machado, montada por suas lembranças, histórias que lhe inspiraram e por sua religiosidade, com a cidade real de homens e mulheres que dividiam a dura vida num espaço urbano muito diferente daquele desenhado em pranchetas da Comissão Construtora de Belo Horizonte.

Unindo o sonho do devoto com o olhar atento do artista, surgiu uma obra que harmonizou tradição e modernidade, relação muito ambicionada pelos construtores da Nova Capital.<sup>7</sup> Porém, no Pípiripau este encontro se fez sem nenhuma melancolia, pois uma característica não negava a outra. Ali o moderno, a cidade e seus personagens, não se sobrepunham ao tradicional, a história bíblica, ou vice e versa. Pelo contrário, eles pareciam conviver de forma até complementar. Já na cidade real persistiam as contradições e as tensões, destacando as disputas pelos espaços a serem ocupados pelos

---

<sup>6</sup> Região da Colônia Américo Werneck conhecida como Pípiripau. Atualmente é denominado bairro Instituto Agrônomo situado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

<sup>7</sup> Para maiores discussões sobre o assunto, consulte o meu livro, cuja referência é: FONSECA, J. F. D. M. Tradição e Modernidade. A resistência de Ouro Preto a Mudança da Capital. Ouro Preto: UFOP, 2016.

diversos grupos sociais, onde o governo agia com o rigor das leis para afastar os mais pobres do centro urbano. E havia ainda aqueles que não aceitavam sequer a mudança da capital. Assim, acreditamos que a paisagem harmônica foi uma das conquistas da construção autoral do Sr. Raimundo Machado.

Dialogando com o poeta e crítico de arte Charles Baudelaire (1993)<sup>8</sup>, podemos classificar obras como o Presépio do Pípiripau como clássicas, uma vez que carregam a ideia de modernidade, pois o seu criador não está apartado do cotidiano em transformação, e sim, busca nas ruas, na observação da vida mundana, referência para o seu trabalho. Baudelaire – que criou o conceito de “*Modernité*” - conviveu nas ruas da Paris oitocentista com prostitutas, poetas, artistas e trapeiros em pleno processo de reforma urbanística capitaneada pelo Prefeito Haussmann. A obra do poeta francês foi profundamente marcada pela convivência com a cidade medieval, que estava em ruínas, e a nova cidade, planejada pelos urbanistas e engenheiros. Entre a cidade que desaparece e a em construção existem as pessoas, das quais o poeta não se afastou. Para Marilene Weinhardt (1994)<sup>9</sup> o poeta francês possuía o desejo de promover uma radical correspondência entre a vida e as artes. Assim, para ele o “Homem Moderno” é aquele capaz de viver a cidade e suas sensações, estas últimas potencializadas numa convivência radical com as artes. Coincidentemente a capital francesa foi o modelo para a construção da Belo Horizonte do Sr. Raimundo Machado. Charles Baudelaire e Raimundo Machado, cada um a seu modo, vivenciaram a experiência urbana e a incorporaram a sua obra. Ambos dando visibilidade àqueles que não estavam nos projetos dos engenheiros e urbanistas. Poeta e artista não pareciam oprimidos nas cidades que se transformavam, e buscavam nas ruínas da velha cidade e nas novas construções os elementos que comporiam suas criações artísticas. O Presépio do Pípiripau não pode ser visto, desta forma, como uma obra conservadora apesar de devocional, isso porque retrata também a cidade moderna, em construção, mesmo que ainda nos costumes seja bastante provinciana. Trata-se de uma obra clássica, fruto da ligação/consciência do artista com seu tempo e as novas técnicas disponíveis.

São inúmeras as reflexões que nos proporciona a obra do Sr. Raimundo Machado. Com ela podemos discutir a memória, a religiosidade, a técnica, a circulação cultural, a relação com outras expressões artísticas, etc. Assim, o criador e a obra se

---

<sup>8</sup> BAUDELAIRE, C. Obras Estéticas: filosofia da imaginação criadora. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

<sup>9</sup> WEINHARDT, M. Baudelaire: a conquista da Modernidade. In: PAZ, F. M. Utopia e Modernidade. Curitiba: UFPR, 1994.

confundem enquanto mensageiros históricos de um tempo e de uma cidade que se constrói. Sua narrativa não é só parte de uma tradição religiosa, mesmo sendo bastante representativa da cidade e de seus sujeitos. Ao se caracterizar originalmente enquanto uma “obra aberta”, o Presépio do Pípiripau possibilitou incorporar uma série de informações sobre uma Belo Horizonte que não existe mais. Exaltamos assim a importância da obra do Sr. Raimundo Machado como uma original e importante narrativa sobre a História da cidade de Belo Horizonte, e também como ela pode nos auxiliar nas discussões sobre a cidade e seu patrimônio.

### **A Modernidade do Presépio do Pípiripau**

O Presépio do Pípiripau é hoje um patrimônio da cidade de Belo Horizonte. Ele nos ajuda a conhecer em sua história a cultura popular, a religiosidade, e os sujeitos históricos muitas vezes não visibilizados em livros de História e museus. A obra dá conta da diversidade de uma cidade que mesmo trazendo um discurso de modernidade, mantinha, e mantém a vocação conservadora de segregar aqueles que estão fora dos limites da Avenida do Contorno. E quantas outras cidades não são também assim? Por tudo isso, este presépio nos faz pensar nossa História, construindo experiências especiais para os que o visitam. Sua importância na representação da cultura material e imaterial da cidade nos faz reconhecê-lo como um documento/monumento histórico<sup>10</sup> de Belo Horizonte. Se por um lado ele nos proporciona uma herança do passado, por outro nos apresenta uma representação do seu tempo, realizada por seu criador, perpetuando o que gostaria de fazer recordar, e no Pípiripau não é só a memória religiosa. Sim, o Sr. Raimundo Machado não construiu um presépio tradicional. Para começar, não se fixou no nascimento do Cristo, o enredo vai percorrendo vários momentos da vida de Jesus, de seu nascimento a seu calvário, e finalmente sua ressurreição. O tempo foi compactado, numa exposição que busca construir uma narrativa, sem obrigar os olhares a percorrerem uma ordem cronológica ou linear. Não tenhamos dúvidas, o Presépio do Pípiripau tem a intencionalidade de fazer recordar a História Cristã, mesmo dialogando com a vida presente.

---

<sup>10</sup> GOFF, J. L. Documento/Monumento. In: GOFF, J. L. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990. p. 535-549.

Ao compor sua obra, o Sr. Raimundo Machado testemunhou muito sobre seu tempo e sua cidade. Segundo Adalgisa Arantes Campos (2003)<sup>11</sup>, ele foi fortemente influenciado para construir as paisagens de seu presépio pelos filmes que assistia assiduamente sobre a Paixão de Cristo. O Cinema chegou com força máxima a Belo Horizonte dos anos 50, sendo grande o número de frequentadores das salas de cinema ou ainda disputando espaço nas exibições públicas pelas ruas da cidade, que ficaram conhecidas como “Cine Grátis”. O Sr. Raimundo Machado era um desses amantes do cinema que consumia muitos dos filmes tendo como tema as histórias bíblicas, e que eram exibidos em especial durante toda a Semana Santa. Para Campos (2003) isso explicaria as pinturas laterais do presépio que apresentam uma profusão de cenários arquitetônicos e que nem sempre possuem qualquer preocupação com a autenticidade ou representação histórica. São mosaicos de filmes que ele assistiu e que recuperava em seu presépio, no qual incorporava o real, suas memórias e o imaginado.

Sobre o Cinema, é preciso recordar que era uma atividade nova para o seu tempo, e aos poucos se tornou uma expressão artística cultural que fomentou sonhos, inspirações, críticas e conhecimento. Ao mesmo tempo, era através do cinema que as pessoas comporiam suas informações sobre o mundo para além das suas fronteiras. Também podemos ressaltar que como um cineasta, o Sr. Raimundo Machado procurou dotar sua obra de movimento e velocidade. Os elementos encontrados em seu presépio multiplicaram-se, incorporando ao cenário religioso as transformações históricas e técnicas vivenciadas dia a dia pelo artista.

Outro ponto importante a ser observado na construção do Presépio do Pipiripau é o modo como o Sr. Raimundo Machado realizou continuamente um esforço de adaptação e invenção para atualizar os mecanismos de movimentação de seu presépio. Certamente, este é um tema relevante e que deveria ser melhor investigado, pois nos traz importantes informações sobre a História do Desenvolvimento Técnico em Belo Horizonte. Na construção do Presépio do Pipiripau o seu criador lançou mão de se atualizar de técnicas que poderiam ser adaptadas a sua obra. Para realizar o seu trabalho, o Sr. Raimundo Machado dialogou com mecânicos e artesãos, buscando saídas que viabilizassem suas ideias para compor os cenários, movimentar peças, produzir efeitos especiais. O Sr. Raimundo Machado unia inventividade, criatividade e genialidade a um enorme esforço físico, explicado pela dedicação e devoção à sua obra. Encontramos

---

<sup>11</sup> MACHADO, R.; CAMPOS (ORG.), A. A. Raimundo Machado: Depoimento. Belo Horizonte: C/ Arte, 2003.

assim um apreço pela tradição da cultura cristã sem nenhuma nostalgia, ao mesmo tempo em que apresenta a modernidade sem nenhuma amargura. Ou nas palavras do filósofo alemão Walter Benjamin (1985)<sup>12</sup>, passado e presente se igualam em beleza e importância.

O passado é interessante não apenas pela beleza que dele souberam extrair os artistas para os quais ele estava presente, mas também como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente. O prazer que obtemos de representação do presente deve-se não só a beleza de que ele está revestido, como também à qualidade essencial do presente. (BENJAMIN, 1985: 219)<sup>13</sup>

E qual seria a beleza do Presépio do Pipiripau? Voltamos novamente a Charles Baudelaire (1985) para o qual a beleza estaria no encontro entre elementos eternos e os circunstanciais, pois o Belo não se apresenta como um conceito estático, fixo ou definido. Para o autor de “Flores do Mal” o Belo era um elemento histórico. Assim,

O Belo é feito de um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é extremamente difícil de ser determinada, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, vamos dizer assim, sucessivamente ou tudo junto, a época, a moda, a moral e a paixão. Sem esse segundo elemento, que representa algo como a cobertura divertida, saltitante, aperitiva, do divino bolo, o primeiro elemento, seria indigesto, impossível de ser apreciado, não adaptado, e não apropriado à natureza humana. Duvido que se encontre uma amostra qualquer de beleza que não possua esses dois elementos. (BAUDELAIRE, 1993: 219)<sup>14</sup>

O Belo enquanto “promessa de felicidade” pode ser encontrado no Presépio do Pipiripau: na representação da união harmônica entre o tradicional - a expressão devocional de montar um presépio -, e o moderno – retrato cotidiano de uma cidade -.

Se no tradicional a história de Cristo pode ser narrada de diversas formas, mas nunca fugindo aos preceitos do dogma cristão, por outro lado, as representações da paisagem da cidade, e seus personagens anônimos, podem ser tão variadas quanto às possibilidades do autor em substituir o já produzido por novas paisagens e personagens, atualizando, ampliando, modificando e ressignificando. Sem dúvidas, aqui encontramos o caráter aberto da obra refletindo a sua monumentalidade.

A composição da obra também demonstra o quanto o Sr. Raimundo Machado foi um artista avançado para o seu tempo e também um colecionador de vestígios. A falta de dinheiro, associada a uma estética popular do improvisado, fez com que o artista

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, W. A Obra de Arte na época da reprodutividade técnica. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1985. Obras Escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política.

<sup>13</sup> Idem, pp. 219.

<sup>14</sup> BAUDELAIRE, op. cit., pp. 219.



lançasse mão dos mais diversos materiais para compor sua obra. Não havia apenas o desejo de compor o cenário, havia também o desejo de embelezar o presépio, com uma visão muito própria deste embelezamento. Desde cedo o Sr. Raimundo Machado buscou alternativas para sua criação. Assim, aprendeu a moldar formas de gesso com um artista português quando trabalhava na Empresa Gravatá (1922), fabricando assim grande parte de suas obras. Ousou utilizar também vidrinhos, conchinhas, sucatas, *papiér-marché*, Eucatex, tecidos, plásticos, tampinhas, vegetação natural e artificial, etc. Na engrenagem que faz todo o presépio se movimentar também nos surpreende a diversidade de materiais, como cita Meyer (2004)<sup>15</sup>:

Três eixos saindo da roda motriz dão ciência ao Pipiripau. As peças da engrenagem são de sucata: carretéis de madeira, rodas de ferro de antigas máquinas de costura, velas descartáveis de automóveis, pedacinhos de arame, barbante e linha, retalhos de madeira, latas e tantas outras quinquilharias, readquirem novos usos. (MEYER, 2004: 26)<sup>16</sup>

Dentro desta perspectiva encontramos, sem hierarquias, tanto figuras confeccionadas pelo artista em papel, madeira e gesso, como também outros produtos que não eram comuns a produção artística naquele tempo, as chamadas sucatas. Assim, componentes de motores, moedas, grampos, tampinhas de refrigerante e demais sucatas inserem-se com serenidade no Presépio do Pipiripau numa época em que ainda não havia um discurso ambiental ou de reaproveitamento de materiais, muito menos de sustentabilidade. A necessidade se associou a criatividade e inventividade com o único objetivo de enfeitar da melhor maneira possível, afinal o produto final continuava a ser um presépio. Assim, com dificuldades de adquirir materiais para sua obra, o Sr. Machado foi incorporando os mais diversos recursos e aos poucos fez da necessidade um estilo, e optou pela originalidade ao continuar recorrendo ao lixo, um dos maiores produtos da modernidade. O que encontramos aqui é o uso da reciclagem como um elemento artístico antes mesmo de se tornar uma prática defendida pelo ativismo ambiental. E também é uma das práticas mais comuns a comunidades pobres, empregando os materiais reciclados como gambiarras.

É necessário reafirmar que o trabalho artístico do Sr. Raimundo Machado é antes de tudo uma obra devocional, mesmo o autor inserindo objetos e elementos que ultrapassassem a narrativa oficial e tradicional da vida de Jesus Cristo. Em sua narrativa

---

<sup>15</sup> MEYER, M. Pipiripau: Presépio movimento. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2004.

<sup>16</sup> Idem, pp. 26.

devocional nada foi esquecido, do nascimento na simples manjedoura aos raios, trovões e luzes na ressurreição apoteótica, tudo foi relatado. Como no tempo de um filme os olhos percorrem toda a vida do Messias, porém, escorregam para observar o pescador alheio a tudo que continua a fazer o seu trabalho. De novo podemos ver uma aproximação entre a temática poética de Baudelaire, um entusiasta da Modernidade, e o artista Sr. Raimundo Machado com o Pipiripau, pois ambos criam/representam uma história cotidiana cunhada nas encruzilhadas do mundo oficial, seja ele político ou religioso. A diferença nos parece estar na intencionalidade, pois se Baudelaire se desregrava junto aos trapeiros a colher no lixo sua poesia, no Presépio do Pipiripau não encontramos nenhum exercício de oposição e/ou confronto do Sr. Raimundo Machado. Ali a realidade diária convive com a magnitude da saga do Menino Jesus, como se o artista quisesse nos mostrar o quanto o Cristo estava próximo daqueles homens e daquelas mulheres em sua dura rotina, bastando apenas que possamos enxergá-lo. O artista reafirma aqui o caráter devocional da obra, uma vez que a fé se explicita de forma comovente ultrapassando o marco religioso e adentrando a vida de cada homem comum que vive numa cidade que pouco a pouco tatua suas marcas, seja no parque central, no obelisco da Independência, nas igrejas recém-construídas, na arquitetura renovada ou em seus novos habitantes.

Ambicionava Baudelaire transformar sua obra num clássico, ou seja, harmonizar o que havia de permanente com a velocidade e a fugacidade da metrópole oitocentista. Sua modernidade não privilegiaria nem a tradição nem o moderno. Conviveria com ambos numa harmonia criadora. Tão longe de Paris, tanto tempo depois, um devoto que por força da fé transformou-se num artista. Elaborou uma obra cuja grandiosidade ultrapassa seu tamanho e como os poemas do poeta francês se tornou também uma obra clássica.

### **Sr. Raimundo: um narrador na modernidade.**

O Mundo Moderno trouxe consigo inovações surpreendentes, delírios do homem tornando-se realidade. No entanto, a cada avanço tecnológico, estamos perdendo pouco a pouco a nossa capacidade de compartilhar com o vizinho a nossa vida, as nossas emoções. Ao contrário, na maioria dos casos evitamos qualquer contato. Da mesma forma, a cidade passa – ao se modernizar – a descaracterizar-se enquanto espaço da experiência individual, forjando-se na mesma cidade espaços oficializados da

memória coletiva. Segundo Olgária Matos (1982)<sup>17</sup>, a cientificização do real se faz enquanto instrumento de inserção da cidade na lógica da acumulação de capital. Por este pressuposto, o indivíduo passaria a ser um instrumento da razão deixando de ver a cidade por seu valor de uso e sim como um espaço do desenvolvimento do capital, valor de troca. O homem foi perdendo sua individualidade em favor de uma igualdade artificial, que o aprisionou ao tempo de execução do trabalho. Para este, enquanto indivíduo, pouco importa os seus desejos, suas afetividades, o que é realmente importante neste contexto é a produtividade.

Toda essa racionalidade das cidades modernas vem destituir a Memória Social, cada vez mais restrita a História Oficial, pois sua modernidade expulsa experiências antes livremente expandidas, concentrando-as em espaços permitidos. De individuais, as experiências passam a ser constituídas na multidão.<sup>18</sup>

A construção de uma metrópole planejada, dentro de uma ótica racional, fatalmente serve para demonstrar como o indivíduo foi forçosamente agrupado em multidão. Não possui mais rosto e nome, aliena-se enquanto população, de modo a possuir um nível cada vez mais restrito de participação junto às decisões da cidade. A nova cidade, que surge tanto da construção planejada quanto da modernidade forçada, perde seus espaços subjetivos criadores de fragmentos da memória. A lembrança passa a se vincular apenas à glorificação do futuro e do progresso. A cidade, segundo Matos (1982) passa a estar acima do indivíduo. Nela, ele não mais se encontra ou se perde, portanto não mais a reconhece, e muito menos a si próprio.

A modernidade traz consigo uma pobreza de lembranças inseridas pelo capital. Cria uma sociedade produtiva e ao mesmo tempo destruidora da memória individual, metamorfoseada na memória física da cidade, tornando-se definida pela memória oficial celebrativa.

Essa pobreza de lembranças foi desenvolvida com maestria e poesia por Walter Benjamin em “Experiência e Pobreza”<sup>19</sup>. O filósofo analisa a nossa desvinculação com o Patrimônio Cultural como uma forma de empobrecimento da comunicabilidade das experiências. Segundo Benjamin, a pobreza de experiências da humanidade estaria

---

<sup>17</sup> MATOS, O. C. F. A Cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social da lembrança. Revista Espaços e Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo - Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, v.7, p. 45-52, 1982.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1 Obras Escolhidas, 2012. op. cit.

ligada à perspectiva do homem em renegar o vivido e ao tentar criar uma nova origem. Esta se faria na materialidade racional das pranchetas e do planejamento, cujo conteúdo espera por figuras motorizadas, sem interioridade. Criações da modernidade, o que nos coloca em risco diante de uma nova barbárie.

Assim, o passado se define como ultrapassado numa visão linear em que a dignidade passa a estar ligada ao moderno, rejeitando-se o tradicional e o classificado como velho. Para Benjamin:

Rejeita-se a visão do homem tradicional, solene, nobre, advindo com todas as oferendas do passado para dirigir-se ao contemporâneo nu, deitado como um recém-nascido nas fraldas sujas de nossa época. (BENJAMIN, 2012 pg.116)<sup>20</sup>

Substituímos os espaços físicos das experiências humanas por monumentos coletivos à racionalidade e à lógica das celebrações oficiais. A nova cidade – cujo exemplo pode ser a Belo Horizonte no início do século XX – se constituirá de grandes construções de vidro nas quais a frieza e a sobriedade se tornam inimigas do mistério. Simulando transparência e aniquilando com a esperança de possíveis descobertas, a impessoalidade da modernidade impossibilitaria a troca de experiências. Talvez esta seja a razão para que a História Oficial necessite de “lançar mão” das “Cidades Museus” como se tornou a antiga capital mineira, Ouro Preto, uma pérola da memória institucionalizada. Desta forma, o reconhecimento da memória nacional se faz através de manuais e livros que definem quais são as ruínas a serem preservadas<sup>21</sup>.

Não estaria o Presépio do Pípiripau a nos permitir trocar experiências novamente? Não estaria o Sr. Raimundo Machado indo na contramão do seu tempo ao contar a História do Cristo em conjunto com a vida de personagens anônimos, tão comuns em nosso cotidiano?

Acreditamos que o Sr. Raimundo Machado instintivamente era um homem de seu tempo ao consumir com sobriedade suas inovações, além dele mesmo propor outras com sua obra. A dedicação de uma vida fez do Presépio do Pípiripau um membro da família de seu criador, todavia, ele não foi transformado em propriedade particular ou obra de arte exclusiva. Como objeto devocional, só adquiria sentido quando partilhado. O narrador precisava da companhia de outros devotos. Tanto era assim, que o artista

---

<sup>20</sup> BENJAMIM, op. cit., pp. 116.

<sup>21</sup> A Memória, segundo Benjamim, não se apresenta totalizada na lembrança, e sim se constitui em ruínas da experiência, que ao serem recolhidas abrem espaços para os instantes de memória.

temia pela cobrança de ingresso para visitação do presépio, fator que poderia limitar o acesso de outros devotos.

‘Vai dá 10 mil réis de ingresso’ sabe como é. Aí eu escutei num sabe, e falei: puxa logo no aniversário da cidade é que meus visitantes acostumados a vim no presépio todo ano vai depende de mais de 10 mil réis, porque eles procuravam dez tostões prá entrá no recinto, né. Será que vai depende de mais de 10 mil réis prá visita o presépio? Ah, aí desisti quis não, sabe?<sup>22</sup>

Visitar o presépio anualmente talvez não fosse apenas um costume, mas possibilitava a população acessar antigos saberes da cultura cristã. A história narrada no presépio dá conselhos aos visitantes sobre a História do Cristo, e ao mesmo tempo visibiliza algumas histórias de vida dos moradores da cidade. Para Walter Benjamin (1985), dar conselhos significa compartilhar a sabedoria – consolidada pela experiência – para se fazer ouvir. Desta forma, a tradição oral, tão preciosa às sociedades sem escrita, se concretiza monumentalmente na obra do Sr. Raimundo Machado.

A proximidade do Presépio do Pípiripau aos relatos dos antigos narradores se faz principalmente pela grande quantidade de informações fornecidas durante a narrativa, sem que haja uma preocupação explicativa para tudo. Para Benjamin (2012), os narradores recorrem sempre em suas narrativas a algo sem explicação, ao maravilhoso, permitindo ao receptor a capacidade de também criar uma interpretação sobre o narrado. Desta forma, associamos nossa experiência àquelas narradas, e fazendo delas também um aprendizado para nossas vidas. Superada a pobreza de experiências, típica do mundo moderno, podemos presumir que para Benjamin o maravilhoso poderia aproximar o que existe de religioso com o que há de profano na arte do Sr. Raimundo Machado, impedindo assim que sua obra fosse uma simples celebração religiosa.

Walter Benjamin define a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, algo muito propício quando verificamos que participar de uma narrativa, como ouvinte ou orador, pressupõe a interação entre a alma, o olho e a mão. Segundo ele:

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria - a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência - a sua e dos outros –

---

<sup>22</sup> Entrevista do Sr. Raimundo Machado disponível em: CAMPOS, A. A.; TEIXEIRA, L. G. O Tombamento do Presépio do Pípiripau. Revista do Departamento de História, BH, p. 05-27, 1989.

transformando-a num produto sólido, útil e único. (BENJAMIN, 2012, pg.221) <sup>23</sup>

Nesse sentido, a associação com o trabalho manual insere dois pontos de análise; o tempo e a mortalidade. O tempo do narrador é lento, pautado, monótono. Benjamin liga o ato de narrar ao tédio, alcançado durante a execução do trabalho manual, em que o artesão se esquece do tempo cronológico e vai se assimilando ao ritmo do fato narrado. Assim, para o narrador “*o tédio é o pássaro de sono que choca os ovos da experiência*” (BENJAMIN, 2012: 204). <sup>24</sup> Desta forma, o tempo do artesão se faz na duração de suas tarefas quando distende o tempo da sobrevivência e marca a temporalidade pela lembrança narrada.

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim, se teceu a rede que está guardando o dom narrativo. (BENJAMIN, 2012: 205) <sup>25</sup>

É no entrecruzamento do tempo de vida do Sr. Raimundo Machado com o tempo de criação de sua obra que encontramos esse tempo lento da narração. Cada transformação, cada novo personagem, cada ideia ou detalhe surgia fora da sua jornada de trabalho na Imprensa Oficial de Minas Gerais, mas no momento artesanal em que se dedicava a sua obra. E a cada criação assimilada abria um novo caminho para a sua narrativa. Por isso, o prazer em criar/narrar não se apegava ao tempo cronológico, e sim, era forjado sem culpa no tempo de descanso, ou lazer, assim: “*O Serviço foi feito no torno, de noite, domingo, dia santo.*” <sup>26</sup>

Todavia, se a narrativa se faz na lentidão do tempo, o Presépio do Pípiripau também se caracteriza pela agilidade e velocidade típicas da modernidade. Elas estão bem representadas na preocupação do autor com o movimento. E ele nos conta:

“E aí eu fui fanatizando, que acabei com a máquina de gramofone também, fazendo aqueles ferreiros que tá lá, sabe. Bom, depois fiz o homem derrubando a árvore. Depois fiquei com mais ideia de fazer mais coisa no presépio, mas a máquina de gramofone não aguentava sabe. Aí foi eu tive ideia de fazer uma maquininha a vapor. Aí fiz uma locomóvel. Fiz a

---

<sup>23</sup> BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1 Obras Escolhidas, 2012. op. cit., pp. 221.

<sup>24</sup> BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1 Obras Escolhidas, 2012. op. cit., pp. 204.

<sup>25</sup> BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1 Obras Escolhidas, 2012. op. cit., pp. 205.

<sup>26</sup> Entrevista, op. cit., pp. 17

maquininha a vapor, substituindo a máquina do gramofone e teve mais força, né, prá fazer mais coisas no presépio.<sup>27</sup>

Outro ponto que podemos analisar é a preocupação com a mortalidade na criação artística do Sr. Raimundo Machado. Sua obra renovou-se até sua morte. A necessidade de fazer-lhe atual se encontrava com a preocupação constante quanto a sua durabilidade. O amadurecimento do autor levou-o a buscar realizar no tempo que lhe faltava todas as mudanças necessárias. Parecia assim concordar que o artista envelhece sua obra. Não é assim que acontece com os clássicos?

Novamente recorremos a Walter Benjamin e sua caracterização do narrador. Para o filósofo alemão são nos momentos próximos da morte que aflora nos homens a autoridade e a sabedoria compartilhadas no gosto pela narração (BENJAMIN,2012). Uma vez chegada a morte, esta não se fará mais como um episódio público da vida do indivíduo, mas dotará ainda mais de força a sua fala, pois “*a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É a da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural*” (BENJAMIN,2012: 208).<sup>28</sup>

Lidando com a temporalidade da vida - nascimento e morte de Jesus – o Sr. Raimundo Machado narrou sua própria história, sem amarguras pelas dificuldades ou nostalgia pelo passado, mas cunhada na sua criatividade e sua fé. Tornou-se um conselheiro a contar casos, um sábio que eternizou com ternura, não apenas o exemplo religioso e também o seu modelo de dedicação, inovação e modernidade.

## REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Obras Estéticas: filosofia da imaginação criadora**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BENJAMIN, W. **A Obra de Arte na época da reprodutividade técnica**. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1985. Obras Escolhidas. Magia e Técnica. Arte e Política.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1 Obras Escolhidas, 2012.

CAMPOS, A. A.; TEIXEIRA, L. G. **O Tombamento do Presépio do Pípiripau**. Revista do Departamento de História, BH, p. 05-27, 1989.

FONSECA, J. F. D. M. **Devoção e Narrativa no Presépio de Pípiripau**. Maestria, Sete Lagoas, v. 2006, p. 123-140, 2006.

FONSECA, J. F. D. M. **Tradição e Modernidade**. A resistência de Ouro Preto a Mudança da Capital. Ouro Preto: UFOP, 2016.

---

<sup>27</sup> Entrevista, op. cit., pg. 17.

<sup>28</sup> Benjamin, W. “Obras Escolhidas I.”. Magia e Técnica. Arte e Política. Op. Cit. Pp. 208.

GOFF, J. L. Documento/Monumento. In: GOFF, J. L. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990. p. 535-549.

MACHADO, R.; CAMPOS (ORG.), A. A. **Raimundo Machado: Depoimento**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2003.

MATOS, O. C. F. A Cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social da lembrança. **Revista Espaços e Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo - Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, v. 7, p. 45-52, 1982.

MEYER, M. Pipiripau: **Presépio movimento**. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2004.

NERY, I. J. Natal - **Teologia, Tradição, Símbolos**. São Paulo: Editora Santuário, 2004.

OLEGÁRIO, A. **A História do Presépio Pipiripau**. Belo Horizonte: SESC - BH, 2001.

WEINHARDT, M. Baudelaire: a conquista da Modernidade. In: PAZ, F. M. **Utopia e Modernidade**. Curitiba: UFPR, 1994.

---

**Janete Flor de Maio Fonseca**

Pós- doutorada na Université Libre de Bruxelles (ULB – Bélgica)

Doutora em História Social da Cultura (UFMG )

Mestre em História (UFMG)

Graduada em História (UFMG).

Professora Associada do Departamento de Educação e Tecnologias (DEETE) da UFOP

Líder do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: Educação e Tecnologias Digitais (GPCETD)

Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFOP)

Membro do Grupo Emergente “Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Criança, a Infância e a Educação” (UFOP)